

O ARTISTA COMO MEDIADOR SOCIAL: CSA COMO EXERCÍCIO DA ESCULTURA SOCIAL

Marit Scheibe / PPGA – Universidade Estadual Paulista
Hermann Pohlmann

RESUMO

O presente artigo pretende investigar a figura do artista como mediador social que se tornou sensível ao tecido cultural e social. Ele desenvolve sua poética da criação sobre as observações e percepções do lugar em que ele, o artista, está inserido. A criação artística passa assim do egocêntrico para o intersubjetivo, isso significa, que uma obra agora se contorna a partir das necessidades do outro ou de outros. O trabalho artístico não responde como obra pronta de imediato a uma questão latente, mas sim, desenvolve meios que permitem um exercício social. O artigo dará ênfase no CSA (comunidade sustenta agricultura) como escultura social e prática artística viva que tomou como foco a relação agricultor – consumidor, estabelecendo uma prática colaborativa não somente entre indivíduos, e sim, também com a terra que nos sustenta.

PALAVRAS-CHAVE

escultura social; CSA; agricultura orgânica; biodinâmica.

ABSTRACT

This article aims to investigate the figure of the artist as a social mediator who became sensitive to the cultural and social loom. He develops his poetic creation based on the observations and perceptions in which the artist is inserted. Artistic creation goes well from egocentric to intersubjective, this means that a piece is now contoured from the needs of the other or others. The artwork does not respond immediately as a finished work to a latent issue, but rather develops means that promote a social exercise. The article will focus on CSA (community sustained agriculture) as a social sculpture and live artistic practice that took as its focus the farmer's relationship with the consumer - establishing a collaborative practice not only among individuals but also to the land that sustains us.

KEYWORDS

social sculpture; CSA; organic farming; biodynamic.

Pensamentos iniciais

Desde que a arte se autoquestionou durante todo século passado até hoje, a figura do artista também foi interrogada. Uma pessoa que se destaca dentro deste pensamento é, sem dúvida, o artista Joseph Beuys, um artista que desenvolveu o conceito da escultura social. Na sua trajetória biográfica, sua saída da universidade de Düsseldorf em 1972, é resultado de questionamentos ao próprio ensino da arte, à formação artística dentro de um sistema orientado pelo estado. Na concepção do artista alemão, uma universidade, independente do estado e autodeterminada, seria um primeiro passo em direção a escultura social, a um tecido social e cultural, que não será organizado através de imposições estaduais, mas sim, que se organiza livremente a partir da realização pessoal de cada um em liberdade. Assim a Universidade Internacional Livre (FIU – Free International University) foi fundada como escultura social e existe até hoje em Achberg, Wangen, Alemanha¹. A intenção foi e é trabalhar com todas as pessoas, a partir dos seus interesses e questões, tendo em vista justamente o tecido social e cultural. Segundo o questionamento de Joseph Beuys:

Como cada pessoa viva na terra pode se tornar um escultor, um formador, no organismo social? ... Lá, onde neste momento se encontra o estranhamento entre os seres humanos - nós podemos dizer quase como escultura fria – lá precisa entrar a escultura quente. Precisamos criar o calor entre humanos.² (RAPPMANN, 1984, p.58)

Encontra-se aqui um pensamento central para a conduta e organização da FIU, uma instituição que se entende como possível local de multiplicadores da pergunta acima citada. Dessa forma o artista se torna um grande órgão sensível que percebe e detecta o que pode ser feito para uma convivência mais digna e respeitosa. Um crítico de arte alemão escreve em seu texto para a revista Guia das Artes em 1992:

A Escultura Social é resultado da atividade de um escultor incansável que aceita qualquer tipo de material e trabalha utilizando toda sorte de instrumentos e as mais variadas técnicas. (GALLWITZ, 1992, p.15)

A poética da criação artística não nasce mais a partir do egocentrismo, da *egológica* (SCHUTZ in Macedo) do artista, como figura central da sua obra. O trabalho artístico

se constrói agora nas intersubjetividades, provocando perguntas e mediando processos. Algumas perguntas principais do campo da etnopesquisa se tornam fundamentais para o trabalho. O etnopesquisador Roberto Sidnei Macedo aponta :

O que na realidade uma etnopesquisa quer saber é: como se estrutura a estrutura social? Como se organiza o tecido cultural por suas múltiplas e complexas interações? Como os sujeitos imersos nos seus coletivos sociais significam e ressignificam suas ações e agem? Pela via das ações dos atores sociais, como se dá reflexivamente a relação instituinte-instituído? (MACEDO, 2010, p. 13)

Essas perguntas formam um campo para o artista social, em cima dessas perguntas ele semeia seu trabalho.

É importante ressaltar que a escultura social necessita um campo de exercício, uma possibilidade de exercitar valores como a igualdade, a liberdade e a fraternidade.³ Não existe nada pronto que nos diga, assim é uma escultura social. Ela seria um fenômeno comparável com a música, com o free jazz, onde os músicos tocam livremente e por instantes estão juntos, se encontram dentro da música, depois novamente se “perdem”, continuam tocando cada um da sua maneira até o próximo encontro que se dá de repente. O artista assume um papel que requer muita sensibilidade e tato, pois por incrível que pareça, ele precisa se reter e ao mesmo tempo agir. Ele precisa ser capaz de cunhar, ser alguém dominante, e ao mesmo tempo se misturar ou se diluir com seu entorno. Comparável com um quadro, onde a cor vermelha no meio de cores verdeadas assume certa importância. O vermelho precisa aparecer cuidadosamente para não dominar o quadro, ele deveria se misturar de vez em quando com o verde, deixando assim surgir tons marrons. Na dança também vivencia-se esse fenômeno: impulso e deixar-se guiar.

O campo de exercício observado e investigado neste artigo é o da CSA, da comunidade que sustenta a agricultura. Apesar de o movimento da CSA já existir por muito tempo em outros lugares do mundo, o coletivo de artistas percebeu a necessidade de sensibilizar agora o meio brasileiro. Seguem agora reflexões gerais sobre a relação que se estabeleceu entre agricultor - consumidor, uma relação apesar de estreita, muitas vezes não percebida.

Agri–Cultura

Desde tempos primordiais, a partir do momento no qual o ser humano deixa de ser nômade, ele pratica o cultivo da terra. O ritmo desse homem é cunhado pelo plantio e pela colheita, em harmonia e equilíbrio com o que acontecia astrologicamente no céu. Nas horas de espera nasce a arte, tanto com a dança quanto com a modelagem ou a escultura, que se tornavam dádivas para a fecundação da terra. O termo *agricultura* nos remete claramente nesta íntima ligação entre *agro* e *cultura*.

Outra curiosidade nesse sentido é que o ministério de cultura atendeu até pouco tempo atrás as necessidades dos agricultores, não somente as questões do âmbito da cultura como é hoje.

Conforme o tempo passou, cidades foram fundadas e outras profissões ocuparam o ser humano. Aqueles que não tinham mais um contato direto com o cultivo da terra trocavam seus serviços ou bens com os agricultores para receber aquilo que os sustenta, a comida! Logo se estabeleceu uma perversa dependência entre donos de terra e aqueles que a trabalham.

A humanidade, principalmente europeia, trilhou um caminho da admiração para a posse. O ritual agrícola perdeu cada vez mais sua nobreza e se tornou um negócio que não deixou muitas opções para o artista da terra, o agricultor. Ele criou sua dependência com as vendas dos produtos da terra, como o artista com a venda dos seus objetos artísticos.

Outro agravante forte e sério é a expulsão desse homem agricultor da cidade, ele se encontra fora dos centros urbanos. Evidentemente por que não tinha mais terra para o cultivo, somente para as construções de moradias.

O agricultor foi expulso dos grandes centros e as pessoas procuram a cultura, que perdeu seu agro, nas cidades. Universidades, escolas e teatros se encontram até hoje mais concentrados nos centros urbanos, o interesse pelo agricultor praticamente existe somente pela necessidade de adquirir comida. Os supermercados e hipermercados, onde a maioria compra seus alimentos, cortaram

de fato o nosso fio com o agricultor. Ele se tornou um agente invisível. E os agronegócios dominam o grande palco do cenário.

Com essa base histórica o artigo se concentra agora numa prática colaborativa entre consumidores e agricultores que surgiu justamente para redefinir a importância da relação entre os dois e com ela a pessoa do artista como mediador social.

O local Demetria

O local onde nasceu essa prática colaborativa no Brasil é a Demetria em Botucatu, um lugar no interior de São Paulo, em torno de 300 km no leste da grande capital. Um lugar propício, por ser uma região agrícola, infelizmente de grandes monoculturas como principalmente da cana, do milho e do eucalipto. A criação do gado também transformou este lindo cerrado em pastos. As riquezas das matas se perdem cada vez mais.

Neste cenário a Fazenda Demetria é uma pequena ilha de aproximadamente 47 hectares, em qual uma família agrícola pratica a agricultura biodinâmica e orgânica, uma forma de cultivo que se preocupe com a saúde da terra. É um trabalho marginal ainda, que tem como foco a produção de alimentos biodinâmicos e orgânicos e ao mesmo tempo tem a preocupação em devolver à terra sua vitalidade com tais preparados⁴. Outros agricultores familiares que se situam como vizinhos ao redor da Demetria também trabalham já com este ideal. Podemos descrever essa situação como a busca por uma simbiose consciente entre o homem e a terra. Uma prática colaborativa no sentido biológico e ecológico que não será o nosso foco desse artigo, mas o pano de fundo para a poética da criação.

Da vida dos agricultores em geral

Os agricultores criaram uma estreita dependência entre fatores não influencias e influencias. Por um lado dependem do tempo como da chuva e do sol, fatores que eles não conseguem influenciar. Por outro lado eles dependem do consumidor, que influencia fortemente o trabalho do agricultor com seu gosto, seu hábito alimentar etc. Poucas pessoas comem o que está, por assim dizer, “na época”. Tudo está sempre presente em mercados, o agricultor usa agrotóxicos para poder atender o consumidor e

consegue sobreviver assim na loucura do capitalismo selvagem. E justamente aqui nasce o CSA (comunidade sustenta agricultura) que pretende ser uma prática colaborativa atual entre consumidores e agricultores e ao mesmo tempo um campo de exercício da escultura social, visando o fortalecimento da produção de alimentos orgânicos e o consumo consciente, buscando uma comercialização mais justa.

CSA–2011

Em 2011 se iniciaram as conversas entre agricultores e moradores do bairro Demetria. Num primeiro momento as conversas aconteceram separadamente. Interrogando os agricultores sobre seu trabalho e seu modo de ver, ficou evidente a dependência de feiras, onde podem e precisam vender seus produtos, muitas vezes através de intermediários. Uma grande preocupação é a incerteza para quem planta realmente, pois a cada feira é um jogo com o imprevisível, nunca se sabe quanto vai ficar na banca depois de uma feira, e conseqüentemente quanto de fato precisa ser plantado. Esse jogo com o imprevisível tem se tornado uma preocupação constante para os agricultores, assim os preços dos produtos já cobrem tudo àquilo que não encontra consumidores. Os preços se orientam naquilo que se “perde” !

Nas conversas com os consumidores, surgiu muitas vezes a questão da inacessibilidade dos produtos, principalmente biodinâmicos e orgânicos.

O segundo momento consistia em diversas conversas entre esses dois segmentos para se aproximar das questões em comum. Foram organizados encontros com mutirões e plantios, que sensibilizaram os participantes para a complexidade que é a relação entre os agricultores e consumidores. Neste momento os consumidores se tornaram um grupo de pessoas que se co-responsabilizam para o trabalho do agricultor, ou seja, se tornaram uma *comunidade* aberta disposta para *sustentar* a agricultura.

A atuação do coletivo, Hermann Pohlmann, Marit Scheibe, Claudia Vivaqua e Carlos Lira, consistia em mediar situações tênues, flexibilizar pensamentos duros, ter a sensibilidade de compreender o que é falado, sem julgamentos precipitados.

Em seguida foram organizadas conversas mais íntimas com os agricultores (Paulo Cabrera, Marcelo Verrissimo e Matthias Jakob), trazendo à tona a questão da embalagem dos produtos como dos queijos, pães, iogurtes e hortaliças e do próprio marketing. Essas embalagens, além de sobrecarregar o meio ambiente, encarecem bastante o produto.

Uma segunda questão foram os certificados da IBD (Instituto Biodinâmico) para cada produto orgânico e biodinâmico. Outro fator que encarece o produto, pois a aquisição do certificado é bastante caro para o agricultor. Foi colocado aqui a importância da confiança pessoal que se estabelece entre consumidores e agricultores, conhecendo a área de trabalho e atuação dos agricultores, eliminando essa empreitada dos certificados. Um certificado se faz necessário em cidades grandes, onde o consumidor não tem mais relação nenhuma com quem plantou ou produziu tal produto. Numa situação de moradores, vizinhos dos agricultores esse certificado pode ser substituído pela confiança.

Depois de ter organizado um local (depósito) adequado para a exposição dos produtos, iniciou se em 16 de maio de 2011 a primeira semana do CSA com 20 membros. Por um valor acessível por mês os consumidores recebiam e recebem até hoje semanalmente laticínios, pães e hortaliças.



Hortaliças no dia do CSA, colhido no mesmo dia pelos agricultores



Os pães que compõem a “cota”, feitos na manhã do dia dos CSA

Durante uma manhã os produtos ficam expostos nesse local e cada membro pode pegar a quantidade, antes estabelecida como “cota”, na hora que quiser. Os produtos estão expostos sem embalagens, cada membro precisa trazer seus vasilhames. Os produtos não serão brevemente separados em cestas, cada membro pega a quantidade na hora. No próprio local, onde os produtos estão expostos, acontecem encontros não planejados entre os membros, com trocas de legumes ou outras relações.

Os membros da CSA estão dispostos a financiar antecipadamente a produção de seus alimentos e carregam a situação do agricultor, também em momentos imprevisíveis, como muitas chuvas ou geadas etc. A eles se tornou compreensível que cada temporada tem seu legume específico e seu tamanho do queijo variável; a mesa está servida somente com produtos da época! Isso também trouxe outro fator importante: uma nova orientação culinária. Receitas foram trocadas entre os membros, dicas foram passadas. O ritmo alimentar muda.

CSA –2015

Hoje os produtores familiares da Demetria atendem 13 depósitos⁵ e alimentam assim, 400 famílias, quase 1000 pessoas! Graças a um edital⁶ em 2012 o movimento das CSA's pôde se expandir para diversos estados no Brasil. Se estabeleceram 16 depósitos fora do estado de São Paulo e 16 iniciativas querendo começar. Também foi criada uma associação das CSA's Brasil. O curso CSA, que existe, desde de 2014, pretende atender dois assuntos centrais, o da escultura social e o do processo artístico.

Desde sua fundação é claro, CSA não quer ser uma iniciativa isolada, mas sim, um trabalho em rede, que permite a troca entre diversos CSA's, conseguindo atingir assim até uma dimensão política, colaborando para o desenvolvimento sustentável da região e estimulando um comércio justo, solidário e direto.

Considerações finais

Um trabalho artístico que se inspira na pergunta inicial de Joseph Beuys, como cada pessoa viva na terra pode se tornar um escultor, um formador, no organismo social, requer sensibilidade e força ao mesmo tempo. Sensibilidade de perceber seu entorno, sua trama social na qual está inserido e as possibilidades que aí nascem para sua criação e seu desenvolvimento. E força de vontade, de persistência, para não ser derrubado. O artista social se encontra nesse paradoxo “entre”. Entre si próprio e o mundo, entre criar e ser criado. A pergunta quais dúvidas e quais certezas me deslocam do lugar eu-mundo para o lugar eu-vida⁷, deixa transpassar a sutileza das respostas que impulsionam a poética da criação.

Notas

¹ Centro Cultural International Achberg e. V., Panoramastr. 30, 88147 Achberg, Alemanha

² Tradução livre da autora do original: “Wie kann ... jeder lebende Mensch auf der Erde ein Gestalter, ein Plastiker, ein Former am sozialen Organismus werden?” in RAPPMANN, SCHATA, HARLAN, *Soziale Plastik*, Achberg: Achberger Verlag, 1984, p.58)

³ conceitos principais da revolução francesa, redefinido por Rudolf Steiner em sua obra “*Trimemoração – do organismo social*”, a fraternidade deve ser desenvolvida no âmbito financeiro, a igualdade no âmbito do direitos e a liberdade no âmbito espiritual-cultural

⁴ veja mais informações no site www.biodinamica.org.br

⁵ Botucatu 5 depósitos, Bauru 3, Ourinhos 1 e em São Paulo 4

⁶ Edital CNPq/MDS-SESAN Nº 027/2012

⁷ pergunta formulada por Marcia Franco, aluna mestranda, nas aulas do seminário de pesquisa da arte-educação, Unesp, 2015

Referências

BOURRIAUD, Nicolas, *Estética relacional*, tradução Denise Bottmann, São Paulo: Martins, 2009, (Coleção Todas as Artes)

HARLAN, RAPPMANN, SCHATA, *Soziale Plastik*, 3. Edição, Achberg, Achberger Verlag, 1984, 160 p.

MACEDO, Roberto Sidnei, *Etnopesquisa crítica: etnopesquisa-formação*, Brasília: Liber Livro Editora, 2ª edição, 2010, 179 p. (série pesquisa v. 15)

MOREIRA LUBE, Piatan, *Processos colaborativos e o surgimento do escultor social: entre saudades e guerrilhas*, artigo publicado pelo Anpap, no 23. Encontro em Belo Horizonte, 2014

PORTUGAL, Ana Catarina M. da C. M. *O pensamento de Joseph Beuys e seus aspectos rituais em ação*, Dissertação. PUC. 2006

REVISTA, *Guia das artes*, 1992, v. 6, Nr.29

SCHUTZ, A. Sur les réalités multiples, *Sociétés*, v.1, n.5, p.67-89

STEINER, Rudolf, *Aufsätze über die Dreigliederung des sozialen Organismus*, Dornach, Rudolf-Steiner Nachlassverwaltung, 1ª Edição, 1961, 483 p., GA 24

STÜTTGEN, Johannes, *Der ganze Riemen*, Köln, Hessisches Landesmuseum Darmstadt e Verlag der Buchhandlung Walther König, 2008, 1047p.

Marit Scheibe

Artista plástica, professora e mestranda em artes visuais, na linha de pesquisa processos e procedimentos artísticos, na Universidade Estadual Paulista. Graduação em educação artística. Formada como escultora em madeira pela escola de artes em Flensburg, Alemanha. Atua desde 2002 como professora de artes na escola Waldorf Aitiara, Botucatu. Co-fundadora da CSA Demetria.

Hermann Pohlmann

Docente convidado na Alanus Hochschule, Alemanha. Mestrado na mesma instituição em 2013, graduação em 1988 na Fachschule Münster com Design. Atualmente empreendedor social, artista social, fundador e organizador da CSA Demetria e da CSA Brasil.